

A SINGULARIDADE DO CORDEL DE RAIMUNDO SANTA HELENA

Aira Suzana Ribeiro Martins (CPH)

Resumo: Este texto propõe tecer algumas considerações acerca da obra do cordelista Raimundo Luiz do Nascimento, conhecido como Raimundo Santa Helena (1926-2018). Nascido na Paraíba, jovem, passou a residir no Rio de Janeiro, onde produziu a maior parte de sua obra. Os versos do poeta abordam variados temas, em especial, aqueles relacionados às notícias divulgadas pela mídia. Esses poemas são, em geral, apresentados ao lado de outras linguagens, como colagens de manchetes e notícias de jornal, podendo ser acompanhadas pelas fotos que ilustram as matérias. Essa prática conduz à reflexão sobre o caráter semiótico dos versos de Santa Helena. Para fundamentar este estudo, buscar-se-á o auxílio da teoria semiótica de extração peirceana (PEIRCE, 1975). Os escritos de Zumthor (1993) trarão também importantes contribuições, em virtude das relações do cordel com a poesia medieval em diversos aspectos, entre eles, o papel da palavra falada na apresentação dos versos escritos pelo poeta.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Semiótica. Oralidade. Escrita.

Abstract: This text aims to make some considerations about the work by *cordel* writer Raimundo Luiz do Nascimento, a.k.a Raimundo Santa Helena (1926-2018). Born in the state of Paraíba, at a young age, he moved to the city of Rio de Janeiro, where he produced most of his work. This poet's verses address several topics, in particular, those related to news disclosed by the media. These poems are, in general, presented alongside other languages, such as headlines and newspaper articles clippings glued to them, and can be accompanied by the photos that illustrated such articles. This practice leads to a reflection on a possible semiotic approach to part of Santa Helena's poetry. To support this study, we will seek the aid of Peirce's theory of semiotic extraction (PEIRCE, 1975). Zumthor's writings (1993) will also make important contributions, due to the relations of the *cordel* literature with medieval poetry in several aspects, among them, the role of the spoken word in the presentation of the verses written by this poet.

Keywords: *Cordel* Literature. Semiotics. Orality. Writing.

“O sonho é o tempero da vida”

Raimundo Santa Helena

INTRODUÇÃO

Neste texto, buscamos fazer uma apreciação de parte da obra de Raimundo Santa Helena (1926- 2018), cordéis baseados em notícias editadas pelos meios de comunicação, sobretudo, os escritos. Segundo declaração do próprio Santa Helena, as notícias que lhe interessavam eram pesquisadas em três jornais. Caso os fatos coincidissem, viravam temas para cordéis que, segundo o autor, representavam o fato verdadeiro.

Essas verdades criadas pelo cordelista fazem parte de nosso estudo, que é desenvolvido à luz da teoria semiótica de Peirce (1970), objeto de investigações de Santaella (2001) e Simões (2009), cujas obras auxiliam nossas reflexões.

Fazemos, também, breve comentário sobre os pontos em comum que se observam entre a poesia medieval e o folheto de cordel. Vemos que, nesses textos, a voz tem uma grande importância, pois é ela que aparece na *performance* para o público, como observa Zumthor (1993).

CONHECENDO RAIMUNDO SANTA HELENA

O cordelista Raimundo Santa Helena (1926-2018) escreveu sobre variados temas. Seus versos abordavam

questões relacionadas ao cangaço, à saúde, à educação sexual como também à sua autobiografia e à biografia de personalidades, como Getúlio Vargas, Carlos Drummond de Andrade, Gláuber Rocha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Thomas Jefferson, Miguel de Cervantes, entre outros. Profundamente nacionalista e combativo e, para Nemer (2016), controvertido, polêmico e extravagante, era notável defensor do Brasil e da cultura popular. É considerado fundador cultural da Feira de São Cristóvão, centro dedicado à arte e à cultura nordestinas, hoje funcionando no Centro de Tradições Nordestinas de São Cristóvão, no local do antigo Pavilhão de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

O poeta, que se identificava em seus folhetos como “Santa Helena, o poeta repórter, pode ser visto no curta “Santa Helena em os phantasmas da botija” (2004), dirigido por Petrônio Lorena e Tiago Scorza. O filme trata da invasão de Lampião à cidade onde nasceu o poeta, cujo pai era delegado da cidade, morto pelo bando do cangaceiro. Parte de sua história, registrada no vídeo, talvez explique a personalidade combativa que o levou a fugir de casa aos 11 anos com o propósito de vingar a morte do pai.

A inteligência incomum e a criatividade, entretanto, fizeram com que sua vida tomasse outros rumos e, com o incentivo

de uma professora que se ocupou de lhe dar instrução, ingressou na Marinha. Graças a isso, teve a oportunidade de passar algum tempo nos Estados Unidos, onde estudou. O fim da Segunda Guerra Mundial, da qual participou, deu-lhe inspiração para compor o primeiro cordel, declamado a bordo de um navio para os companheiros de farda.

Sua vasta produção, de acordo com Nemer (2016), está registrada em diferentes suportes, como fitas VHS, DVDs, CDs, fitas cassete, recortes de jornais, panfletos, manifestos, desenhos, xilogravuras, bilhetes, cartas e manuscritos. Muitos materiais estão deteriorados por falta de condições adequadas de arquivamento e também pelas enchentes que atingiram sua casa transformada em museu, denominado Museu de Cordel Raimundo Santa Helena.

Após sua morte, em 2018, os filhos doaram esse acervo inédito para a Casa de Rui Barbosa, em cerimônia realizada em 2019. Atualmente, o material passa pelo processo de restauração. Infelizmente, alguns escritos foram perdidos, em função do mau estado em que se encontravam.

Parte de sua obra publicada já se encontrava digitalizada na instituição. A Biblioteca Nacional e a Biblioteca da Fiocruz também têm, em seu acervo, os folhetos de Raimundo Santa Helena. O poeta tinha o cuidado de fazer a divulgação

de seus cordéis, enviando-os para as principais bibliotecas, segundo sua filha. Várias bibliotecas de instituições universitárias espalhadas pelo país também guardam, em seu patrimônio, obras do poeta.

O CORDEL DE SANTA HELENA

O cordel de Raimundo Santa Helena já tinha um estilo peculiar, quando não se ousava criar uma obra desse gênero que fugisse dos moldes tradicionais. Na verdade, o poeta viveu à frente de seu tempo e no seu tempo, pois seus versos discutem questões de toda sorte, mantendo sua atualidade. Na impossibilidade de mostrar todos os folhetos, selecionamos quatro publicações para apresentar neste texto.

Ele produzia os cordéis com base nas informações colhidas nos jornais. Seu método envolvia a pesquisa antes da criação, como já informamos anteriormente: confronto de notícias publicadas em três jornais para, então, partir para a elaboração do folheto de cordel.

Nas figuras seguintes, aparecem as capas das obras escolhidas, acompanhadas das notícias, manchetes e fotos de jornais:

Figura 1 - “Doca Street condenado”



Fonte: Santa Helena, 1982

Figura 2: “Lagoa do Abaeté de Salvador”



Fonte: Santa Helena, 1983, p. 6

Figura 3: Capa Lagoa do Abaeté de Salvador



Fonte: Santa Helena, 1983

Figura 4: “Kissinger fura greve”



Fonte: Santa Helena, 1981a, p.

2

Figura 5: Kissinger Fura Greve”



Fonte: Santa Helena, 1981a, p.

3

Figura 6: “Kissinger Fura Greve”



Fonte: Santa Helena, 1981a

Como podemos verificar, na Figura 1, a capa do folheto é composta de colagens de manchetes de jornal que noticiam um feminicídio ocorrido na década de 1980. A absolvição do criminoso provocou a primeira manifestação de mulheres contra esse tipo de crime, que obrigou a Justiça a realizar novo julgamento.

A Figura 2 é a reprodução da notícia que registra o desaparecimento das dunas da lagoa de Abaeté, na Bahia, na década de 1980. Esse fato foi ocasionado pela retirada da areia para comercialização. O cordel, cuja capa também

reproduz a ilustração da notícia (Figura 3), denuncia que, apesar de terem tomado conhecimento do crime ambiental, as autoridades nada fizeram para impedir essa ação praticada por empresas particulares.

As Figuras 4 e 5 mostram manchetes e notícias sobre a visita do ex-secretário do Estado Americano ao Brasil na década de 1980. Na ocasião, ele fez uma palestra na UnB, em plena greve dos professores. Houve manifestações de mestres e alunos em todo o Brasil, e o cordelista deu o seu apoio à classe dos educadores na passeata ocorrida no Rio de Janeiro, apresentando seu cordel, como está noticiado nas colagens das notícias. A Figura 6 mostra a capa do folheto.

Em 1986, Santa Helena publicou um cordel baseado em descobertas feitas por cientistas sobre o Cometa Halley, “O menino que viajou um cometa” (Figura 7). A colagem da notícia aparece no início do texto (Figura 8).

Figura 7 – “O Menino que Viajou num Cometa” Figura 8 – “O menino que viajou num cometa”



Fonte: Santa Helena, 1986, capa



Fonte: Santa Helena, 1986, p. 3

Esse cordel, extremamente lírico, recebeu elogios de Carlos Drummond de Andrade, aos quais o editor se refere na edição sugerida pelo poeta.

Figura 9 – “O Menino que viajou num cometa” Figura 10 - O menino que viajou num cometa



Fonte: Raimundo Santa Helena, 2003, capa



Fonte: Raimundo Santa Helena, 2003, p.32

A Figura 9 mostra a edição com xilogravuras feitas pelo artista Erivaldo, já na Figura 10, vemos a apresentação da obra feita pelo editor.

O texto, escrito para crianças, reproduz as palavras de Drummond no prefácio:

Depois de ler os originais do cordel “O MENINO QUE VIAJOU NUM COMETA”, o poeta Carlos Drummond de Andrade disse: “Santa Helena, publique esta obra através de uma editora e a divulgue numa bandeja de prata, porém substitua os desenhos por xilogravuras, respeitando a tradição do cordel”. Vinte anos depois concretizamos a sugestão de Drummond. (O EDITOR. 2003, p. 2)

Esses exemplos apresentam o caráter multimodal da obra de Raimundo Santa Helena, que analisamos à luz da obra

de Simões (2009), com base na teoria semiótica de Peirce (1970), como mostraremos, de forma simplificada, nas próximas linhas.

ASPECTOS SEMIÓTICOS DA OBRA DE SANTA HELENA

Nesta parte de nosso texto, veremos de que forma a teoria Semiótica pode contribuir para melhor entendimento da obra do autor, que apresenta uma multiplicidade de linguagens.

Além de ter participado do curta-metragem “Santa Helena em os phantasmas da botija” (2004), o autor também aparece em outro curta-metragem: “De repente Santa Helena” (2007). Este último, dirigido por Isabel Ramalho, apresenta valiosas informações do poeta acerca de seu método de criação, das quais partimos para tecer nossas considerações semióticas acerca de parte de sua obra.

O poeta informou sua maneira de criar um texto, como já vimos anteriormente. De acordo com ele, somente o cordelista escreve a verdade, pois o jornalista é preso aos interesses da empresa da qual faz parte, ao contrário do cordelista, que é livre.

Esse novo texto construído pelo poeta e as relações com os outros textos publicados na mídia nos remetem ao objeto do signo e ao seu interpretante, signos que fazem parte da teoria semiótica de extração peirceana.

A Semiótica ou Teoria geral dos signos é muito ampla e pode ser aplicada ao estudo de fenômenos de diversos sistemas de signos, inclusive, os linguísticos, como lembra Simões (2009). Neste texto, utilizamos teoria de forma parcial; somente os elementos que podem auxiliar o entendimento de uma pequena parte da obra do autor.

A teoria de Peirce (1975) tem como fundamento o fato de que tudo pode ser um signo e, para que isso aconteça, basta que entre num processo de semiose, isto é, um processo ininterrupto de significações. Um signo tem três referências: a primeira é algo que se apresenta à mente, ligando a segunda, o objeto, a uma terceira, o efeito que vai emergir na mente interpretadora. Em outras palavras, na tríade peirceana, um signo é aquilo que representa alguma coisa para alguém (o objeto); ao se dirigir a essa pessoa, fará surgir em sua mente, por meio do processo da semiose, um signo equivalente ou mais desenvolvido, que recebe o nome de interpretante. Em razão da semiose, aquilo que era um terceiro em uma relação semiótica passa a ser um primeiro numa outra relação triádica, pois o signo tem o caráter de crescer infinitamente.

O objeto do signo ou *representamen* pode ser qualquer coisa, por exemplo, um sentimento ou um acontecimento.

Há duas formas de objetos representados pelo signo: o imediato e o dinâmico. O objeto imediato é a forma como o fato é representado pelo signo, ou seja, o objeto é mediado pelo signo para se chegar ao fato em si, que é o objeto dinâmico.

Podemos considerar a questão do objeto com a obra de Raimundo Santa Helena. Ele tinha o hábito de procurar uma notícia em diferentes jornais para, então, elaborar seu cordel. Portanto, três jornais noticiam o mesmo acontecimento (objeto dinâmico) que é apresentado de diferentes maneiras (objeto imediato). Como o cordelista afirmava que a verdade estaria no seu texto, ele criava outro signo (cordel) que se referia ao evento (objeto dinâmico) apresentado de outra maneira (objeto imediato), isto é, o cordel seria uma quarta versão, a verdadeira, de acordo com suas palavras.

Como já comentamos, interpretante é o efeito de sentido causado pelo signo na mente interpretadora. Essa parte do signo, que também é um signo, se divide em três partes: o interpretante imediato, o interpretante dinâmico e o interpretante final.

O interpretante imediato, de acordo com a Semiótica peirceana, é o potencial interpretativo do signo, antes de ele encontrar um intérprete que efetive essa potencialidade. O interpretante dinâmico se refere ao impacto que,

efetivamente, o signo causa na mente interpretadora. De acordo com Santaella (2002) o efeito causado pelo signo é singular, pois está ligado às experiências do sujeito. O interpretante final está ligado ao resultado interpretativo total, presumindo que os interpretantes dinâmicos sejam considerados em sua totalidade. De acordo com Peirce (1970), é impossível se chegar ao interpretante final, já que a transformação (a semiose) e a evolução dos signos é ininterrupta. Os signos estão se transformando de forma contínua em nossa mente.

A ICONICIDADE DO CORDEL E SANTA HELENA

Para Peirce (1975) todo pensamento se dá por meio de signos, que podem ser internos e externos, ou seja, podem ser pensamento e linguagem. Em relação àquilo que é representado, o objeto, há três classes de signos: ícones ou semelhanças, que transmitem a ideia das coisas por imitação; índices ou indicações, que mostram algo sobre as coisas com as quais estão conectados e a terceira classe é a dos símbolos ou signos gerais, que representam, de forma abstrata ou convencional, o objeto. As palavras são signos simbólicos, pois são associadas a um objeto de forma convencional. Santaella (2002) completa que a realização satisfatória da semiose dependerá da mistura de ingredientes icônicos, indiciais e simbólicos.

Nesta parte do texto, procuramos refletir, ainda, à luz da semiótica, sobre a forma como se configuram visualmente, ou seja, iconicamente, os textos de Raimundo Santa Helena. As pesquisas de Simões (2009) acerca da iconicidade verbal são fundamentais para esta análise. De acordo com a autora, a observação do signo em sua materialidade pode se dar de forma sonora ou visual.

Como lembra a pesquisadora, qualquer signo se funda em uma imagem mental, o ícone, que pode ser representado por um sinal sonoro ou gráfico, isto é, pela fala ou pela escrita. Sendo o texto escrito uma imagem, é necessário que se trace o percurso de “organização verbo-material do raciocínio” (SIMÕES, 2009, p. 73), estando incluídas aí a diagramação paradigmática, sintagmática e imagética que, juntas, são responsáveis pelo aparecimento das imagens mentais no momento da produção do texto e no momento de sua leitura.

Relembramos que, para que um signo possa atuar como signo, ele deve estar relacionado com um objeto; deve ser interpretado e produzir um interpretante na mente do leitor por meio da semiose. Esse percurso do signo pode ser aplicado ao cordel de Santa Helena, tanto no processo de criação, quanto no processo de recepção.

As notícias de jornal, signos imagéticos, representavam outro signo, o evento. A leitura desses signos provocava o processo interpretativo, por meio da semiose na mente interpretadora, no caso, o poeta. A partir dessas leituras, ele partia para a escrita de outro signo mais desenvolvido que tinha emergido em sua mente. Seguindo as reflexões de Simões (2009), esse outro texto (signo) deveria ter uma imagem visual ou sonora, que para o poeta seria o folheto de cordel.

A mesma pesquisadora, em cujas reflexões nos inspiramos, faz um estudo de várias formas de iconicidade, como a diagramática, a lexical e a isotópica. A iconicidade diagramática se refere ao projeto visual ou sonoro do texto e à estruturação dos sintagmas.

O caráter diagramático do texto se funda na seleção e na combinação de palavras, na estruturação gramatical, obedecendo a um projeto comunicativo elaborado com vistas à eficiência textual. Para que esse fator se concretize, é necessária a presença da verossimilhança. Simões (2009) cita também o projeto do texto, sua arquitetura visual ou sonora como elementos importantes para a iconicidade textual. Segundo a autora, há íntima relação entre a imagem textual e a cognição, pois as imagens textuais ativam as imagens mentais, responsáveis pelo raciocínio.

Colaboram para compor a plasticidade do cordel de Santa Helena: o título, os versos distribuídos em estrofes, os recursos gráficos como o uso de maiúsculas, a pontuação, os recursos como aspas, itálico e negrito.

Podemos dizer que no próprio discurso do poeta percebe-se uma carga icônico-indicial: “O cordel é mais autêntico”; “O cordelista escreve a verdade”. Essas frases, que podem ser ouvidas no documentário “De repente Santa Helena” (2007), atestam a eficácia comunicativa com o emprego do adjetivo “autêntico” e do substantivo “verdade”. Essas palavras remetem à ideia de que esse signo, o cordel, existe, ocupa um lugar e reage em relação aos outros signos existentes, agindo como parte daquilo que aponta (o objeto). Por isso, é também um sin-signo, isto é, singular. Vem daí nossa escolha para o título deste texto: “A singularidade do cordel de Raimundo Santa Helena”.

A ICONICIDADE DIAGRAMÁTICA DO TEXTO

É necessário destacar que a disposição dos elementos responsáveis pela arquitetura textual tem importância fundamental para se chegar à significação de um texto. Essa diagramação contribui para a ativação dos esquemas mentais responsáveis pelas associações necessárias para o processamento da semiose e o alcance do interpretante.

Nesta seção, aplicamos a teoria da iconicidade à leitura de um texto de cordel do autor, sobre cuja obra tecemos algumas considerações, Raimundo Santa Helena. Por questões de limite de espaço, optamos por considerar a iconicidade textual do cordel “Kissinger fura greve dos professores” (1981) por ser o texto mais curto dentre os selecionados para este estudo.

Como já observamos, nas Figuras 4 e 5, esse folheto publicado em 1981 é introduzido por colagens de recortes de jornal com notícias, manchetes e fotos da visita ao Brasil do secretário de Estado dos Estados Unidos. O texto foi escrito nos anos finais da ditadura militar em nosso país, época em que a repressão havia diminuído e, com isso, o movimento estudantil e os movimentos sociais começaram a se reorganizar.

Embora o folheto (signo) tenha sido elaborado em função da grande confusão causada pelo protesto dos estudantes e dos professores diante da visita de uma autoridade americana em plena paralisação (objeto), ele mantém sua atualidade, pois trata de questões que continuam presentes em nossa sociedade. Ainda hoje, as verbas destinadas à Educação e à Cultura são ínfimas e a carreira do magistério tem muito pouco prestígio.

Vejamos o cordel:

Kissinger fura greve dos professores

O governo não libera	Minas: Escola de Música,
Mais dinheiro pro Ensino	De Direito... descunjura!
E contrata o Henry Kissinger.	Itajubá e Alfenas...
Americano ladino	Cada qual a greve fura
Que levou nosso cruzeiro	Imitando Mister Henry
Pra dizer ao brasileiro	Não tenho rima pra Henry
Como ser um bom menino...	Nem pros Judas da cultura...
O Brasil não é colônia	O mineiro Tiradentes
Embora compre feijão	Deve tá injuriado –
Os cartolas de Brasília	Mártir da Independência
Aprenderam a lição!	Que morreu esquartejado
Tio Sam chegou com flores	Defendendo na raiz
No colinho dos reitores	A união do País!
Mas saiu num camburão	Vê um cipó mutilado...
Professores, estudantes	Vou terminar meu cordel
Trabalhadores enfim	Com tristeza dos ciprestes
Comem tripa congelada	Vinde a mim os pequeninos”
Mas não vão comer capim	Ó Jesus Cristo, dissestes
Nossa gente não é burra	Então deixo pra vós
Mister Henry leva surra	O menor de todos nós
Com gemas de ovo ruim	Este salário dos mestres...

Aos professores. Rio de Janeiro, 25-11-81.

(SANTA HELENA, 1981, p. 4-5)

De acordo com Simões (2009), a iconicidade diagramática pode ser observada na distribuição dos signos na folha de papel, que pode ser de nível gráfico ou do *design* textual. A iconicidade diagramática também se apresenta na seleção e na combinação de signos, denominada iconicidade diagramática sintagmática e paradigmática.

Vemos que o projeto diagramático do cordel “Kissinger fura greve dos professores” (1981), em relação à seleção e combinação de signos, se funda em oposições. No quadro seguinte vemos as oposições que se apresentam por meio de conjunções coordenativas e subordinativas, isto é, iconicidade que opera no nível sintagmático:

Tabela 1 – Relações opositivas

Relações opositivas na estrutura dos versos	
O governo não libera Mais dinheiro pro Ensino	E contrata o Henry Kissinger.
O Brasil não é colônia	Embora compre feijão
Tio Sam chegou com flores No colinho dos reitores	Mas saiu de camburão
Professores, estudantes Trabalhadores enfim Comem tripa congelada	Mas não vão comer capim

Fonte: autoria nossa

A oposição promovida pela diagramação também está presente na seleção lexical, que se apresenta de forma

paradigmática. Observamos que o 7º verso da 5ª estrofe sintetiza a 4ª e a 5ª estrofes.

Minas: Escola de Música,
De Direito... descunjura!
Itajubá e Alfenas...
Cada qual a greve fura
Imitando Mister Henry
Não tenho rima pra Henry
Nem pros Judas da cultura

O mineiro Tiradentes
Deve tá injuriado –
Mártir da Independência
Que morreu esquartejado
Defendendo na raiz
A união do País !

Vê um cipó mutilado...

(SANTA HELENA, 1981, p. 5, grifo nosso)

Esse verso destacado apresenta uma grande carga de apelo emocional, mostrando que os ideais de liberdade cultivados por Tiradentes foram arrancados, precisamente, no solo do Estado de Minas Gerais, local onde o líder da inconfidência iniciou seu movimento de luta pela liberdade do povo do Brasil. O vegetal cipó, que cresce em busca da luz solar, metaforicamente, pode se referir ao caminho natural do conhecimento, que enfrenta o obstáculo do descaso do governo, como mostram os dois primeiros versos: “O governo não libera/ Mais dinheiro pro Ensino” (versos 1 e 2).

O poeta seleciona também palavras que, semanticamente, mantêm oposição, como podemos ver na diagramação da estrofe que se segue. Vemos que ela pode ser dividida em duas partes:

O Brasil não é colônia
Embora compre feijão
Os cartolas de Brasília
Aprenderam a lição!
Tio Sam chegou com flores
No colinho dos reitores
Mas saiu num camburão
(SANTA HELENA, 1981, p. 4, grifos nossos)

Nessa estrofe citada, vemos o emprego dos verbos “chegou” e “saiu”, semanticamente opostos. Eles aparecem nos versos 5, 6 e 7, que mostram a chegada do americano com amor (flores) e a saída constrangedora (num camburão).

Ainda, em relação à seleção lexical, vemos que os nomes e as expressões referentes aos termos que aparecem na primeira linha do quadro seguinte mostram os personagens posicionados em grupos opostos. De um lado, aparecem Henry Kissinger, políticos brasileiros, reitores e professores que estavam ao lado do governo, os quais não eram, sequer, merecedores de rimas: “Não tenho rima pra Henry/ Nem pros Judas da cultura...” (4ª estrofe, v. 6-7); de outro lado, aparecem os personagens que reivindicavam melhores salários e o poeta, que os apoiava.

Vejamos:

Tabela 2 – Oposição entre os personagens

Henry Kissinger	Políticos	Professores e reitores que não participaram da greve	Professores e estudantes que lutaram na greve	Poeta
Americano ladino	Cartolas de Brasília	Judas da cultura	Comem tripa congelada	Tristeza dos ciprestes
Leva surra			Pequeninos	

Fonte: autoria nossa

A palavra “cipreste”, que expressa a tristeza do poeta, faz referência à árvore que tem a simbologia de comoção e dor.

A voz contundente do cordelista se transforma no fechamento do texto; a revolta passa à compaixão pela luta dos professores: “Então deixo para vós/ O menor de todos nós/ Este salário dos mestres...”. Esses versos também fazem parte de mais uma oposição presente no cordel. Os versos de tom veemente, presentes nos versos anteriores, dão lugar a versos que traduzem um profundo lirismo. Essa oposição, que podemos observar no quadro seguinte, mostra a iconicidade isotópica, isto é, a trilha temática que conduz para a formação de sentido, por meio da seleção lexical. No cordel “Kissinger fura greve dos professores” (1981), podemos depreender uma isotopia

maior, do sentimento, que atravessa dois percursos: indignação e compaixão.

Vejamos:

Tabela 3 – Isotopia do sentimento 1

Iconicidade isotópica	
Indignação	Compaixão
Americano ladino	Tristeza dos ciprestes
Saiu num camburão	Vinde a mim os pequeninos
Cartolas de Brasília	O menor de todos nós
Leva surra	Este salário dos mestres
Desconjura	

Fonte: autoria nossa

Seguindo, ainda, a temática do sentimento, vemos que os percursos da indignação e da compaixão se desdobram em outros dois relacionados ao registro linguístico. Percebemos que o tom duro e a veemência das cinco primeiras estrofes do texto dão vez ao lirismo que se traduz também no registro linguístico. Enquanto as cinco primeiras estrofes têm uma linguagem bem coloquial, a última adquire um tom mais formal e cerimonioso, como mostra o quadro seguinte:

Tabela 4 – Isotopia do sentimento 2

Iconicidade isotópica	
Indignação – Linguagem coloquial	Compaixão – Língua culta
Pra dizer ao brasileiro	Vinde a mim os pequeninos
No colinho dos reitores	Jesus Cristo, dissestes
Cada qual a greve fura	Então deixo para vós
Professores, estudantes	Este salário dos mestres
Deve tá injuriado	
Judas da cultura	

Fonte: autoria nossa

Vemos que, ao longo das cinco estrofes, a preposição tem o emprego bastante informal: para > pra, em que a vogal “a” sofre uma síncope, isto é, desaparece. Desse modo, a palavra passa a ser monossílabo, termo bastante empregado na linguagem coloquial. A forma verbal “está” sofre a aférese, ou seja, perde a sílaba inicial, passando a ser empregada como “tá”. A presença do substantivo “colinho” e do verbo “fura” mostram também o emprego de um léxico mais informal, próprio do cordel.

A última estrofe, com um registro mais culto, emprega o substantivo “mestres”, menos usual, no lugar de “professores”, que aparece na primeira estrofe. A utilização da frase bíblica faz com que o cordelista continue fazendo

uso do pronome pessoal oblíquo de 2ª pessoa do plural “vós” e também o verbo na mesma pessoa “dissestes”.

No fechamento do cordel, a despedida do poeta é feita com uma passagem da Bíblia: “Vinde a mim os pequeninos” (6ª estrofe, v.3), que seriam os professores, aqueles que têm o menor dos salários. Essa última estrofe completa os dois primeiros versos do cordel: “O governo não libera/ Mais dinheiro pro Ensino”. Como em um texto tudo significa, o autor termina o cordel, dedicando-o aos professores, confirmando sua posição perante os fatos: “Aos professores. Rio, 25-11-81”.

A forma como transcrevemos o poema, em duas colunas, por questões de espaço, permitiu que a relação entre os versos das duas estrofes (1ª e 6ª), que sintetizam o cordel, ficasse mais nítida. Podemos mostrar essa relação entre as duas estrofes com uma seta em diagonal, como exemplificou Simões (2009) em sua obra.

O quadro que se segue mostra “a orientação psicossemiótica” (SIMÕES, 2009, p.125) da forma como lemos e escrevemos, seguindo a tradição ocidental. O movimento de nossos olhos segue da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Kissinger fura greve dos professores

**O governo não libera
Mais dinheiro pro Ensino
E contrata o Henry Kissinger.
Americano ladino
Que levou nosso cruzeiro
Pra dizer ao brasileiro
Como ser um bom menino...**

O Brasil não é colônia
Embora compre feijão
Os cartolas de Brasília
Aprenderam a lição!
Tio Sam chegou com flores
No colinho dos reitores
Mas saiu num camburão

Professores, estudantes
Trabalhadores enfim
Comem tripa congelada
Mas não vão comer capim
Nossa gente não é burra
Mister Henry leva surra
Com gemas de ovo ruim

Minas: Escola de Música,
De Direito... descunjura!
Itajubá e Alfenas...
Cada qual a greve fura
Imitando Mister Henry
Não tenho rima pra Henry
Nem pros Judas da cultura...

O mineiro Tiradentes
Deve tá injuriado –
Mártir da Independência
Que morreu esquartejado
Defendendo na raiz
A união do País!
Vê um cipó mutilado...

**Vou terminar meu cordel
Com tristeza dos ciprestes
Vinde a mim os pequeninos”
Ó Jesus Cristo, dissestes
Então deixo pra vós
O menor de todos nós
Este salário dos mestres...**

A seta em diagonal mostra que os versos iniciais e finais traduzem o projeto do texto elaborado pelo cordelista.

A mesma pesquisadora, em seus estudos, traçou uma proposta de interpretação do potencial comunicativo do texto em relação à iconicidade de sua superfície. De acordo com essa proposta, a alta iconicidade orienta o leitor para a produção de sentido, por meio da utilização estratégica

das pistas de leitura. A baixa iconicidade, ao contrário, não oferece pistas eficientes para a leitura.

De acordo com a autora, os textos científicos e jornalísticos devem oferecer alta iconicidade, enquanto os textos literários não devem conter somente a alta iconicidade, deve haver, nesse texto, um jogo entre alta e baixa iconicidade, para que o texto seja plurissêmico, dando margem a discussões, que nunca serão definitivas. Essa singularidade do texto, de oferecer o jogo entre alta e baixa iconicidade é um dos fatores responsáveis pelo caráter literário do texto. A leitura que apresentamos do cordel de Santa Helena é passível de discordâncias ou de acréscimos, segundo o interpretante que venha a surgir em outra mente interpretadora.

A IMPORTÂNCIA DA PALAVRA FALADA NO CORDEL

Completamos nossas considerações acerca da obra do cordelista com as preciosas informações presentes nos escritos de Zumthor (1993), para quem a voz do menestrel é dotada de autoridade, pelo fato de ser ela a responsável por preservar a memória de uma comunidade de forma poética. Essa função social do artista dos tempos antigos está presente nos folhetos de cordel, sobretudo, no cordel de Santa Helena, cuja voz, presente nos versos, tem a tarefa de registrar, poeticamente, fatos que, de certa forma,

chamaram a sua atenção e, por isso, eram merecedores de uma versão mais verdadeira, como ele ressaltava, em forma de versos de cordel.

O poeta tinha razão em fazer essa declaração, pois as notícias de jornal podem se perder. Os fatos marcantes, entretanto, ficam registrados no texto literário, já que a arte permanece.

Nas próximas linhas, transcrevemos a parte final da apresentação do cordel “O Menino que viajou num cometa” (2003) feita pelo editor responsável pela publicação da obra, como sugerira o poeta Carlos Drummond de Andrade:

Uma outra tradição do cordel é a não utilização de regras rígidas de pontuação. Respeitando o desejo do autor, preservando sua história, lançamos às crianças um desafio: leiam o livro e depois completem as pontuações que acharem necessárias. Aproveitem a oportunidade e cantem os poemas escritos pelo cordelista Santa Helena. Os versos são feitos para cantar. (SANTA HELENA, 2003, p. 2)

Em vários cordéis de Santa Helena aparecem compassos musicais como se fossem indicações de leitura oral, como vemos na Figura 11. Esta é a reprodução de uma página do mesmo folheto, em uma edição artesanal preparada pelo próprio cordelista, como habitualmente fazia.

Figura 11 - O menino que viajou num cometa



Fonte: Raimundo Santa Helena, 1986, p. 5

Esse detalhe se repete em diversos folhetos. A notação musical mostra que o poeta fazia questão de manter a musicalidade do seu texto, ressaltando que o cordel deve ser cantado, a exemplo da *performance* dos poetas ou intérpretes medievais, que mantinham a tradição cantada dos poemas, mesmo após a invenção do texto escrito, pois os valores contidos no texto pertenciam unicamente à *performance*, como informa Zumthor (1993). Essa prática pode ser considerada uma herança das sociedades ágrafas da Antiguidade. Todas as tradições como mitologia, danças, rituais, lendas, entre outras eram transmitidas pela oralidade, com o auxílio da melodia com rimas, ritmo e refrão para que se alcançasse a memorização, como observa Havelock (1996).

Ainda hoje, os grupos sociais desprovidos de escrita utilizam o recurso da melodia, com ritmo e rimas para transmitir suas tradições para as gerações mais jovens, sendo a voz uma peça fundamental para a apresentação e memorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parte da obra de Raimundo Santa Helena que selecionamos para uma breve apreciação, neste texto, é repleta de várias linguagens, como colagens de textos midiáticos verbais e não verbais, pautas musicais e ilustrações próprias do cordel. A presença desses textos promove a interação do cordel com outros gêneros textuais, causando certo estranhamento no leitor habituado com a forma tradicional do cordel.

O autor dos cordéis, considerado uma figura polêmica, controvertida e excêntrica, empresta esses atributos ao seu texto, totalmente fora dos padrões tradicionais e, segundo o próprio poeta, o único verdadeiro dentre os demais. Na fundação do outro signo, com base nos relatos de jornal, ele constrói um texto riquíssimo, que oferece abordagens de naturezas diversas. Como camadas de pintura que vamos retirando, a investigação de um aspecto do texto do cordelista aponta outras possibilidades de leitura.

Creemos que o estudo do texto do cordelista à luz da semiótica de extração peirceana é essencial no processo

de descobertas das suas inúmeras significações. O estudo da iconicidade do cordel “Kissinger fura greve dos professores” (1981) mostrou as sutilezas do projeto de texto do autor em vários aspectos, como a diagramação e as isotopias, promovendo um jogo de alta iconicidade e baixa iconicidade, pois cada leitura desperta no leitor o desejo da busca de sinais que possam conduzir à descoberta de novos significados do texto.

REFERÊNCIAS

- HAVELOCK, Eric Alfred. *A Revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Editora da UNESP/ Paz e Terra, 1996.
- NEMER, Sylvia Regina Bastos. Memórias migrantes: a Feira de São Cristóvão nas vozes dos cordelistas. In: *Entre o local e o global*. Anais XVII Encontro de História da Anpuh. Rio de Janeiro, 2016.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
- SANTA HELENA, Raimundo. *Kissinger fura greve dos professores*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cordel artesanal, 1981. Folheto 30ZD75-158.
- SANTA HELENA, Raimundo. *O Menino que viajou num cometa*. Rio de Janeiro: Cordel artesanal, 1986. Folheto 115-303-1350.
- SANTA HELENA, Raimundo. *Doca Street condenado*. 4. ed. Rio de Janeiro: Cordel artesanal, 1982. Folheto 35ZI82172.
- SANTA HELENA, Raimundo. *A lagoa do Abaeté de Salvador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Cordel artesanal, 1983. Folheto 56ZZD-113-350.
- SANTA HELENA, Raimundo. *O Menino que viajou num cometa*. Literatura de cordel para criança. Xilogravuras de Erivaldo. Rio de Janeiro: Entrelinhas, 2003.
- SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Editora Thompson, 2002.

SIMÕES, Darcilia. *A iconicidade verbal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2009.

Aira Suzana Ribeiro Martins possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1977); especialização em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997) com monografia de conclusão do curso intitulada “Estudo dos advérbios”; mestrado em Letras pela UERJ (2000) com a dissertação intitulada “*Uma análise estilístico-semiótica dos sinais de pontuação em Tutameia*” e doutorado em Letras pela UERJ (2006) com a tese intitulada “*A pontuação não gramatical de Guimarães Rosa: uma análise semiótica*”, tendo sido orientada, na especialização, no mestrado e o doutorado pela Profa. Dra. Darcilia Marindir Pinto Simões. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Estilística, Semiótica, Léxico, Ensino e Dialetação. É membro do Grupo SELEPROT de pesquisas na área de Semiótica, Leitura e Produção de Textos, criado pela Professora Doutora Darcilia Marindir Pinto Simões. Faz parte também do Grupo LITESCOLO de pesquisas na área de Literatura e outras linguagens na Escola Básica e do grupo GEPLIEB-Grupo de Estudos e Pesquisas em Língua(gem) e Projetos Inovadores na Educação Básica. Leciona no Ensino Fundamental e no Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Colégio Pedro II. É também supervisora do Programa de Residência Docente do mesmo colégio.

Lattes: 5782483080580976

ORCID: 0000-0002-5917-1870